

# Comitê pode ser a salvação

Sociedade civil, entidades governamentais, empresas e produtores agrícolas podem começar a gerir e a se responsabilizar também pelos problemas da Bacia do Paranoá. De acordo com a legislação (Lei das Águas), esse é o papel do Comitê de Gestão de Bacias Hidrográficas, que terá como função unir vários setores para que tomem conta dos recursos hídricos importantes para sua sustentabilidade.

No DF, a Bacia do Paranoá está perto de ter seu comitê criado. Oficialmente, o comitê ainda não existe porque precisa ser aprovado pelo Conselho de Recursos Hídricos do DF, ligado à Secretaria de Meio Ambiente.

Na prática, porém, alguns estudos foram feitos pelo pré-comitê para que o Paranoá supere alguns problemas. O objetivo do grupo é justamente viabilizar projetos que venham a garantir o uso adequado da Bacia do Paranoá.

O professor da Universidade de Brasília, Paulo Salles, um biólogo e doutor em Ecologia, é um dos que lutam pela criação imediata do comitê.

Segundo diagnóstico feito por ele, a bacia tem como problemas principais o desmatamento, a erosão e parcelamentos irregulares de terra. Tudo isso contribui para o assoreamento do Lago Paranoá, que já perdeu 2,3 milhões de

metros quadrados.

A idéia é colaborar com os órgãos públicos responsáveis pela área e educar ambientalmente a população para que se torne parceira contra a degradação da bacia. De acordo com especialistas, o adensamento populacional na Bacia do Paranoá pode custar no futuro o abastecimento de água da região. Ela já é a primeira em consumo de água e a terceira maior densidade populacional entre as bacias do Distrito Federal.

O grupo do comitê considera que os recursos hídricos estão sendo mal-utilizados, principalmente porque os consumidores não têm controle sobre o uso que fazem da água.